

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6030

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Um gol para a vida

Wendel Souza da Silva
wendelsouzajornal@gmail.com

No sábado, dia 21 de setembro, o bairro Itaperi, em Fortaleza, parou para assistir ao maior torneio de futebol entre favelas do mundo. Organizado, promovido e realizado pela Cufa Ceará, a Taça das Favelas desembarcou, em 2024, na areninha do parque Dom Aloísio Lorscheider. O evento contou com as finais masculina e feminina. Se entre os homens, o time da comunidade Jardim União saiu vencedor, entre as mulheres o time do Bela Vista não deixou barato e também levantou o troféu de campeão.

Em razão do esporte, as partidas tiveram de separar vencedores de perdedores, mas para quem participou de toda a cerimônia, percebeu a importância da visibilidade social gerada a partir de um evento desse tamanho. Arrisco a dizer que algumas centenas de torcedores estavam nas arquibancadas montadas, e pode contabilizar a minha presença aí,

além dos espectadores que acompanharam a transmissão do jogo pela televisão. Se eu usei a palavra visibilidade em termos de audiência, aproveito e uso a palavra social para falar de oportunidades.

Eventos, como esse, dão chances que não podem ser desperdiçadas. Para além do que imaginemos, um campo de futebol tem o poder de dar sentido a vida de um jovem da periferia. Isso quem diz não sou apenas eu, são as histórias contadas através dos projetos sociais. São nesses cenários, que a implantação das políticas públicas se fazem necessárias, no intuito de informar, informar não, gerar, gerar não, conscientizar, isso, conscientizar sobre o impacto do esporte na sociedade.

No fim de semana que a sociedade só tem a ganhar, tenho quase certeza que ninguém saiu derrotado. O lema da competição é “Um gol para a vida”. No fim, fiquei refletindo e pensei: “Rapaz, num é que isso faz sentido”.

A vida é um circo

Inácio Xavier da Silva Neto
inacioxaviersn@gmail.com

Por onde quer que andemos, Estamos cobertos de falsos amigos, Certas amizades que só visam interesse. Interesses estes que visam a personalidade De qualquer pessoa.

A vida é um circo. Cheia de corda bamba. Se tropeçarmos, cairemos do arame. Por onde andarmos, Estamos cobertos de pessoas mentirosas, De pessoas que não pesam no seu semelhante, Pessoas que dão esmola com uma mão E deixam que a outra saiba o que fez.

A vida é um circo. Ao invés de darmos gargalhadas, Sentimos ódio dos palhaços Que somos nós, como um todo.

Sentimos ódio daquele que nos fere sem querer, Sem saber que aquele que nos fez mal É mais inocente do que nós, Que às vezes não o perdoamos.

A vida é um circo De um alambrado sem fim. Sem saída e sem entrada. Já nascemos dentro dele. Um circo que nos dá vontade de viver, Viver sendo palhaço dos outros, Sem eles darem a mínima para nós, Sendo até mesmo escravos, À espera da Lei Áurea Para nos livrar desta senzala. Somos aqueles que servem sem Serem gratificados. E gratificamos sem sermos servidos.

A vida é um circo, Onde todos somos palhaços, Sem nenhum espectador. Mas a vida é um circo, Se não existisse tudo isso, A vida seria uma beleza.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Contagens

Isathai Morena
Correspondente Mestre

Vida de professor é um eterno contar...
Conta os minutos pra acabar a aula...
Conta as horas pra acabar o dia...
Conta os dias pra acabar a semana...
Conta as semanas pra acabar o mês...
Conta os meses pra acabar o ano...
Conta os anos pra se aposentar.
Conta as faltas.
Conta os scores, os pontos, as notas, as médias.
Conta com o apoio das famílias e dos gestores (que às vezes nunca chega).
Conta quantos alunos vão ficar de recuperação.
Alguns contam carneirinhos pra dormir.
Outros contam moedas no fim do mês.
Mas também contam histórias, causos, piadas.
Quisera todos os professores pudessem contar aquilo que é incontável:
Os sorrisos, os abraços, o carinho.
Elogios, reconhecimento, respeito.



Choque de realidade

Anahí Gabriella
Ex-Correspondente O POVO

Estou em um salão especializado em cabelos cacheados, recém-chegado e o único em minha cidade. Me entusiasmei por me sentir segura em deixar alguém tratar os meus cachos, o que dá forma ao meu eu mais autêntico. Vim dar um novo tom à eles, um novo corte.

Estou há dez minutos fazendo teste de mecha, tentando incansavelmente desviar o olhar do espelho imenso que está em minha frente. E então percebi o quanto a minha imagem me incomoda, me deixa um pouco envergonhada. E sim, admito, é triste.

Acreditei por muito tempo que a minha aversão a salão fosse por inúmeras razões que pareciam, para mim, óbvias, mas a verdade é que o problema era comigo, por mim. Me ver, me atentar a mim e a tudo o que intimamente não gosto, mas nem sempre me lembro.

E eu nunca tive uma noção tão abrangente de mim em um salão como agora, sendo honesta. Sou eu, sabe? As minhas pernas, a marca na minha barriga, a barriga propriamente dita, os meus dentes desalinados, as marcas no meu rosto causadas pela captopora na fase adulta... são as

minhas mãos, os meus pés e os seus dedos comprimidos. É tudo aquilo que eu fui ensinada a odiar e que eu aprendi com maestria.

Vejo o cacho em tom de cobre cair sobre o meu ombro e harmonizar com o meu olho castanho mel e sinto um aperto no peito, uma fásca de vergonha e de culpa por ter me odiado por tão pouco e por tanto tempo.

Vejo o meu reflexo no espelho e eu sou uma menina marcada pela vida de tantas formas, que nessa não poderia ser diferente – mas deveria. Vejo o meu reflexo no espelho, me encolho, sinto vontade de chorar e sinto os meus olhos lacrimejar rapidamente e com uma certa cerimônia. Sinto em meu peito um ardor de emoções distintas que se chocam umas contra as outras e o barulho é ensurdecedor.

Eu teria sido tão carrasca e medonha com outra ou esse castigo eu dediquei exclusivamente à mim? E a resposta é: a exclusividade não me caiu nada bem. Portanto, renuncio à ela e suplico de maneira silenciosa por misericórdia.

Me odiar tem sido cansativo, odeio que é isso que eu tenho aprendido e eu sou amor, então, que eu seja amor também por mim.

Onde foi

Felipe Silva
Ex-Correspondente O POVO

Onde foi que deixamos as coisas passarem, mas não passar de um modo devagar mais sim de um modo tão rápido, onde contatos que tínhamos, em que hoje em dia nem se mandam nem no mínimo um “oi” ou sei lá qualquer coisa que fosse. Mas, ao meu ver, meus queridos leitores, hoje em dia estão muito monótonas as coisas entre as pessoas, sem muito tempo para chegar e conversar, e sim só apenas no tumbum, rala e rola e sem história, que conhecidamente love.

Bolo e bomba

Paulo Roberto Cândido
Ex-Correspondente O POVO

Naquela noite lá em casa eu comia bolo. Naquela noite lá em Gaza o povo comia bomba. Insanamente eu comia bolo, inocentemente o povo comia bomba. No meu garfo eu espetava os PEDAÇOS de bolo. Na gafe dos poderosos eles espetavam a vida em pedaços. Naquela noite lá em casa eu me sentia bobo. Naquela noite lá em Gaza o povo sentia bomba. Insanamente eu pensava em bomba, inocentemente o povo esperava bolo. Achei uma grande injustiça no meio do caminho do meu paladar tinha um bolo; No meio do caminho daquele povo tinha uma bomba. Envergonhadamente eu desisti do bolo desavergonhadamente os donos do poder não desistiram da bomba. Naquela noite lá em casa eu desisti do bolo. Naquela noite lá em Gaza ninguém desistiu da bomba.